CRISTIANISMO

ÓRGÃO DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL E ORIENTAÇÃO ECUMÊNICA

Sucessor de "O Mundo Cristão" e "Cooperador Cristão"

ANO XII | SÃO PAULO (BRASIL) — SETEMBRO-OUTUBRO DE 1960 | N.º 135-136

THEOLOGY TODAY

ANOTAÇÕES

Divulgação da Bíblia e Notas Elucidativas

EM ligeira anotação, focalizamos, há pouco, o assunto que já tem sido lembrado ao Protestantismo brasileiro: a alta conveniência de oferecer êle ao público das Igrejas a leitura dos livros da Bíblia, chamados Apócrifos ou Deuterocanônicos. Outro assunto que já tem sido pôsto em evidência em nosso meio, uma vez ou outra, e que, relacionado com a divulgação das Escrituras, reclama atenção mais séria, é o que diz respeito a edições acompanhadas de notas elucidativas.

Nessa matéria, o Catolicismo Romano, expressando sua feição autoritária, não permite que a Bíblia seja dada aos fiéis, a não ser por meio de edições anotadas e competentemente aprovadas por autoridade eclesiástica. E o Protestantismo, cedendo a injunções do individualismo, fica bastante caracterizado por uma atuação contrária, principalmente por fôrça da ação das Sociedades Bíblicas, as quais, realizando uma extraordinária obra de divulgação, geralmente se negam a imprimir e distribuir edições acompanhadas de notas abundantes que elucidem o texto integral.

Têm sua explicação razoável os escrúpulos das Sociedades, pois não havendo no Protestantismo, como não pode haver, uma autoridade central que determine um seguro padrão doutrinário, seria possível que as Bíblias anotadas que elas publicassem viessem despertar dissentimentos.

Mas essa orientação não deveria ser levada às últimas conseqüencias. Acreditamos que as Sociedades Bíblicas — ao lado das suas edições, comuns e tradicionais — poderiam também, com as necessárias cautelas, fazer grande serviço publicando Bíblias anotadas. Aliás, uma ou outra nota, de caráter histórico e crítico, elas costumam publicar, embora com muita parcimônia.

Em matéria de anotação ao texto bíblico, tem sido muito falha a nossa produção em língua portuguesa. Em outras línguas, como se sabe, ha trabalhos apreciáveis. E um exemplo, o da Itália, poderia citar-se, como prova da possibilidade que há de fazer-se a publicação de notas que sirvam a um público heterogêneo. Referimo-nos ao Novo Testamento com anotações do Prof. Giovanni Luzzi, divulgadas pela sociedade Fides et Amor, que é sustentada por pessoas filiadas ao Protestantismo, ou alheias a essa filiação.

Não cremos, pois, que seja impraticável a publicação de Bíblias com anotações que satisfaçam a diferentes Igrejas Evangélicas, e mesmo a estranhos. As anotações, é claro, nunca haveriam de servir como divulgadoras de diferenças doutrinárias no Protestantismo. E nós cremos que o exercício do bom senso faria com que os anotadores do texto ficassem circunscritos a temas de aceitação geral, ou no máximo fizessem menção de diferenças de interpretação. Mas certamente contribuiriam com amplos esclarecimentos úteis no terreno histórico.

Repetir-se-á, com as Bíblias anotadas, o que sucede com a inclusão dos Apócrifos: delas — sem dispensar as edições comuns que hoje se fazem — precisa o nosso Protestantismo, ainda que sem o concurso das Sociedades Bíblicas.

Cumpre que os espíritos se esclareçam convenientemente. E que se mobilizem todos quantos possam cooperar nessa grande obra de cultura espiritual: a disseminação de Bíblias enriquecidas com os Apócrifos e com sensatas anotações elucidativas do texto.

Bem deveriam os evangélicos esclarecidos voltar seus olhares para assunto como êsse, e para outros de vulto, lembrados de que não podem circunscrever o seu valioso interêsse apenas a empreendimentos tradicionais, ou às formas tradicionais de grandes emprendimentos cristãos. Reclamos da causa evangélica existem, e muito especialmente no terreno da literatura, que nos desafiam a novas e abençoadas aventuras. Transforma-se constantemente o cenário espiritual, e nós temos que alterar, com sabedoria, os nossos métodos de ação.

A TI, JEOVÁ

Letra de Bartholomaeus Crasselius e tradução de Isaac Nicolau Salum

I

A ti, Jeová, nós celebramos:
só tu és Deus, sòmente tu, Senhor;
só tu mereces nossos hinos!
Dá-nos a luz do teu Consolador.
Pedimos-te isso em nome de Jesus,
que nos abriu acesso a ti, na Cruz!

II

Atrai-nos, Pai, aos pés de Cristo,
a fim de que Êle nos reúna a ti.
Que o Santo Espírito bendito
faça brilhar a luz celeste aqui.
E nós, unidos em fraterno amor,
seremos um contigo e o Salvador!

III

Sabe, Êle, em ânsias e gemidos,
rogar por nós teu divinal favor;
Êle é quem traz penhor divino
de que nós somos filhos teus, Senhor!
É tal penhor que a ti nossa alma atrai:
Eis-nos — teus filhos — aos teus pés, ó Pai!

IV

Se, pelo Espírito guiados,
a ti se elevam nossos corações,
a tua vontade aceitaremos,
e atenderás as nossas petições.
Nossa oração há de assumir poder,
se se ajustar ao teu nosso querer!

V

Concede, ó Pai, que as nossas vidas
sancionem nossos hinos de louvor:
e que traduza o nosso culto
nossa esperança, nossa fé e amor.
Dá à nossa voz e à nossa vida a unção
de quem contigo vive em comunhão!

(A tradução corresponde às estrofes, 1, 2, 4, 5 e 3 do original alemão, e foi feita para uma coleção de corais de Bach, da Profa. Henriqueta Rosa Fernandes Braga).

INFALIBILIDADES

Ernesto Thenn de Barros

UM dos maiores obstáculos ao movimento universal de ecumenismo, que procura aproximar e unir as diversas corporações cristãs, é constituído pelo dogma da infabilidade papal. O bispo de Roma se declara o Vigário de Cristo na Terra, o chefe da única Igreja autêntica. Por um lado Roma não reconhece a legitimidade de outras Igrejas e, por outro, as comunidades não católicas não querem submeter-se à obediência de Roma e seus dogmas, por motivos de consciência, muito respeitáveis. Consideremos mais de perto essa prerrogativa papal e vejamos se ela é única no gênero.

O vulgo se imagina que, quando o Papa fala, êle o faz discricionàriamente, ditando a seu bel-prazer leis e doutrinas irrecusáveis. Entretanto é sabido que o Sumo Pontífice é assistido por seus conselheiros e técnicos que o orientam no estudo das questões em foco. Nem se concebe que um homem pudesse pronunciar-se, com conhecimento de causa, em problemas de política internacional, de economia, de justiça social, de finanças, de agricultura, de medicina, de natalidade e tantos outros, sem recorrer a especialistas no ramo. Então, devidamente esclarecido por elementos de sua confiança, orientados pela tradição da Igreja Católica, o Papa tira a conclusão dos estudos apresentados e fala "ex-cathedra", isto é, da cadeira de São Pedro, estabelecendo diretrizes e doutrinas que, então, são inapeláveis. Aliás é sugestiva a declaração feita por João XXIII, de que êle é um prisioneiro e não pode fazer o que quer.

Entretanto a noção de infalibilidade existe também nas autoridades eclesiásticas do Protestantismo e da Ortodoxia Oriental. Quando surge, nessas Igrejas, uma questão de doutrina ou prática, os concílios as estudam, ouvem relatórios de comissões, debatem o assunto e então, pelo voto da maioria, estabelecem normas e doutrinas que se tornam tão irrecusáveis para os membros da respectiva Igreja, como o é o pronunciamento papal no Catolicismo. O fiel é obrigado a aceitar como verdade o dogma estabelecido que, em tese, é fixado "de acôrdo com as Escrituras Sagradas". Ora, é patente que as várias confissões cristãs, tôdas baseadas sobre as mesmas Escrituras, divergem grandemente em pontos doutrinários. Donde se conclui que o dogma depende da **interpretação** que cada Igreja faz da Bíblia. Sendo as doutrinas, assim estabelecidas, contraditórias em diversos pontos, como pode cada Igreja pretender que o seu dogma é a única expressão da Verdade? Como pretender impô-lo à aceitação dos fiéis?

A única diferença entre o pronunciamento "infalível" do Papa e o de um concílio protestante é que o primeiro é o resultado de um processo oligárquico, ao passo que o outro é alcançado pelo método democrático da discussão e voto. Ambos, porém, se baseiam na crença de que a respectiva autoridade eclesiástica foi orientada pelo Espírito Santo. Devemos crer que, de fato, através da incompreensão e da rudeza da consciência humana, o Espírito Santo orienta a Igreja, sem que por isso as decisões desta se tornem infalíveis, devido justamente à inaptidão do homem para apreender tôda a Verdade, num dado momento. Aliás a decisão do concílio de Jerusalém, relatado em Atos 15, já traz a fórmula: "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós..." Com a diferença que aquêle concílio apenas deu preceitos acêrca de três ou quatro pontos controvertidos e nevrálgicos, que causavam escândalo à consciência da Igreja naquela época (entre outros, o comer carne de animais sufocados e sangue), mas libertou os gentios de observarem as ordenanças rituais da Lei, ao passo que os concílios subseqüentes elaboraram credos meticulosos abrangendo todo o corpo de doutrinas, que continua sendo ampliado, por exemplo, com o novo dogma da Assunção da Virgem Maria. Quem não subcrever alguns artigos do respectivo Catecismo, não pode normalmente fazer parte da comunidade (por exemplo, acreditar que o Diabo não seja uma pessoa, mas sim o princípio do Mal, ou que as penas impostas aos ímpios não durarão eternamente, ou que o batismo possa aplicar-se indiferentemente por aspersão ou imersão, ou que a Maçonaria não seja motivo para excluir alguém da comunhão, ou que só os adultos conscientes, não as crianças, devam ser batizados, ou que a Eucaristia possa ser dada ao leigo sob a forma de um só elemento, a hóstia). A exigência de conformidade a todos os artigos de fé não é aplicada rigorosamente, na prática, se bem que seja obrigatória no ato do batismo, ou da confirmação, ou da ordenação ministerial.

Se lançarmos os olhos para o passado, veremos que os símbolos de Westminster, fundamentos do Presbiterianismo, foram estabelecidos por maioria de votos de uma assembléia. E os membros da minoria, que não concordaram com este ou aquele artigo de fé, na forma como foi elaborado? Evidentemente ficaram obrigados a acatá-los, isto é, a crer em pontos que suas consciências rejeitavam.

Por outro lado, pergunta-se: Será possível a qualquer crente ter opinião formada sôbre todos os pontos da doutrina de sua Igreja? Aceitar consciente e integralmente todos os dogmas da respectiva confissão eclesiástica? Parece-nos que não é possível. O fiel o que faz é delegar poderes à sua Igreja, a qual preceitua a doutrina que êle aceitará em bloco. Se começar a pensar neste ou naquele artigo, surgirão ienvitàvelmente divergências de opinão. O protestante tem que aceitar, como expressão da Verdade, a doutrina elaborada por sua Igreja. Qual é, então, a diferença entre a infalibilidade que se arroga o Catolicismo Romano e a que âretende ter uma Igreja Protestante?

Hodiernamente se está chegando a compreender que não é necessária a adoção de um rígido corpo de doutrinas para que uma Igreja cristã realize a sua missão. A isto somos levados ao considerarmos a relatividade dos conhecimentos humanos em qualquer fase do seu progresso, a compreensão de que as nações formam um mundo só, através de suas disparidades e mentalidades diferentes, a consciência da universalidade da Igreja de Cristo, constituída por diversos ramos que freqüentemente discordam entre si em pontos doutrinários. Não conseguindo nehum dêles impor aos outros suas concepções, forçoso é haver uma tolerância mútua para com princípios divergentes. E' certo que os teólogos, por uma necessidade do espírito humano, hão de procurar sistematizar a doutrina e darão ao seu sistema um caráter absoluto, de acôrdo com o ponto de vista de cada um. O mal está em pretender impor a tôda uma comunidade aquilo que é o parecer de alguns indivíduos. Temos que chegar à coexistência pacífica, também em religião.

Nesta linha de idéias achamos sumamente interessante a iniciativa da Igreja Unida de Cristo, nos Estados Unidos (veja "Cristianismo" de julho-agosto de 1959). Ao invés de adotar um credo formal, cuja aceitação fosse obrigatória para cada um de seus membros, ela apresenta, em têrmos largos, os objetivos que animam a comunidade e que evidentemente devem ser partilhados por todos os que querem **agir**, servindo a Cristo nos quadros daquela Igreja. A Declaração começa com a afirmação fundamental: "Cremos em Deus, Espírito eterno, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e nosso Pai, de cujos atos damos alegremente nosso testemunho." Segue-se o testamunho dado à ação de Deus: E' o Criador e Julgador do mundo, Deus Salvador em Jesus Cristo, concede à Igreja o Espírito Santo e os meios de graça, e no porvir o Reino eterno.

Ainda recentemente a Igreja Cristã de São Paulo publicou um manifesto, singelo mas profundamente compreensivo, que abrange, à guisa de plataforma, os fatos principais que são os fundamentos do Cristianismo. Resume-se o manifesto em quatro pontos:

1.° A reafirmação das doutrinas fundamentais do Novo Testamento, tais como a realidade do pecado, da obra redentora de Cristo, da vida eterna.

2.° A primazia dada à vida e ao comportamento, sôbre os dogmas e as formas de culto.

3.° A prática da liberdade cristã, respeitado o direito de cada um a pensar de acôrdo com sua consciência, com humildade e tolerância.

4.° A obra salvadora integral de Cristo, visando a conversão do indivíduo e a transformação da sociedade inteira e suas instituições.

Desejamos frizar num ponto a largueza de concepção dessa plataforma: "Cristo como o Salvador dos pecadores." Não se estabelece se a salvação se processa mediante a substituição do pecador perante a Justiça divina pela Vítima inocente do Calvário; ou se Cristo resgatou a dívida que o pecador não podia pagar (no passado alguns discutiram se o pagamento dos pecados foi feito a Deus ou ao Diabo); ou se o imenso amor manifestado pelo Senhor Jesus em sua vida e a morte na Cruz ("Ninguém tem maior amor do que este: dar alguém a sua vida pelos seus amigos") é a alavanca que impele o pecador arrependido aos braços de Cristo, em quem êle se torna uma nova criatura. Estas e outras são meras concepções teológicas, muito legítimas, sem dúvida, que não constituem, porém, o âmago do problema. O fato essencial é que Jesus Cristo salva o homem do pecado e suas conseqüencias, e esta afirmação é suficiente.

As diversas confissões cristãs parece que estão chegando ao pé de uma muralha intransponível, constituída por suas dotrinas divergentes e "infalíveis". Há um anseio universal

Nosso Lugar no Cristianismo e Nossas Relações com Outras Comunhões

O Revmo. Bispo Plinio Simões, por ocasião do I Congresso da Igreja Episcopal Brasileira, realizado em julho, em Pôrto Alegre, apresentou o valioso trabalho que temos a honra de oferecer a nossos leitores.

N. da D.

De acôrdo com o plano da Comissão de Temário dêste Congresso, nosso trabalho está baseado no Relatório Geral do CONGRESO ANGLICANO, realizado na cidade de Minneapolis, no ano de 1954.

E as razões, para isso, são óbvias: o tema de nossa tese foi amplamente debatido, naquela ocasião, e nós sòmente poderemos lucrar, volvendo o nosso olhar para os horizontes mais amplos do Anglicanismo, reunido numa Assembléia de âmbito universal.

1.º Nosso lugar no Cristianismo.

Começamos reconhecendo, com humildade, que a nossa Comunhão, embora podendo contar com mais de 40 milhões de membros, é uma parcela bastante pequena da Cristandade que é calculada, em dados não muito precisos, em cêrca de 800 milhões.

Embora reconheçamos, pois, com humildade, sermos proporcionalmente poucos, não será por falsa modéstia que deixaremos de reconhecer e proclamar que Deus nos tem reservado uma contribuição tôda especial a dar ao Cristianismo como um todo.

Somos de opinião que a Igreja de Cristo deveria constituir uma sociedade visível e unida; mas, na realidade, está ela mais que dividida. O objetivo primordial da missão redentora de Cristo foi, é, aproximar os homens de tal maneira que venham a constituir a grande Família de Deus. Em têrmos gerais, pràticamente todos os Cristãos concordam com que devamos ser 'Um em Cristo Jesús', mas não podemos deixar de lamentar que haja tantas fôrças contribuindo para a falta de união sincera entre os vários ramos do Cristianismo.

A Igreja do Novo Testamento apresenta-se como uma sociedade visível e unida, podendo-se tão sòmente falar em separação, no sentido da distância que mantinha isoladas as diferentes igrejas locais, mas que constituíam parte integrante de um grande todo.

E foi com a mesma característica que a ECCLESIA ANGLICANA se estabeleceu na Inglaterra, como parte integrante do corpo todo: a Igreja Católica ou Universal de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Mesmo durante o período da Reforma, não alterou sua posição naquilo que constituia a essência do Cristianismo, mas discordando fundamentalmente do Papado que nega a liberdade concedida às Igrejas do Novo Testamento de divergirem em matéria não essencial, e conservarem elementos de auto-determinação.

O fervor missionário que levou a Ecclesia Anglicana além das fronteiras da Inglaterra, transformou esta Igreja de características regionais, numa Comunhão de índole universal.

No entanto, onde quer que estejamos estabelecidos como Igreja, não nos apresentamos como a verdadeira e única Igreja, mas como quem possui uma compreensão tôda própria da Fé Cristã. Mas continuamos alimentando o ideal de ver o Cristianismo unido, do qual as igrejas locais sejam meras representantes da Igreja Cristã como um todo.

Mediante uma tal concepção, estamos em divergência com o pensamento patrístico e medieval que não concebia a possibilidade de dividir-se a Igreja, pois tôda vez que se verificasse uma separação, a Igreja permanecia indivisa, visto que a parte separada deixava de ser Igreja, por haver perdido o Cristo e a possibilidade de oferecer a salvação. Há Igrejas Cristas que ainda se mantêm dentro dêste conceito de características medievais, embora talvez um tanto modificado. Mas a Comunhão Anglicana jamais se presenta como sendo ela mesma a "Igreja Católica", e não reconhece a igreja alguma o direito de apresentar-se como tal.

Os representantes do Anglicanismo, através dos relatórios das últimas três Conferências de Lambeth, admitem que se pode observar dentro do Cristianismo Universal uma tendência de aproximação, no sentido de ser reencontrada a verdadeira Catolicidade da Igreja de Cristo.

Um Cristianismo que se apresenta dividido ao mundo não pode ser o Cristianismo vivido pelo próprio Cristo. Pois sempre houve, e continua havendo o perigo de grupos de Cristãos exagerarem certos aspectos da Igreja em detrimento de outros. O Cisma não sòmente divide, como também leva no seu bôjo o germe da separação. Comunhão alguma pode apresentar-se como padrão, nem tampouco, por si só, ministrar a plenitude da graça de Cristo. Portanto, numa igreja dividida, nehuma das partes é possuidora da plena Catolicidade.

Entretanto, admitimos que o Espírito Santo age em qualquer igreja, cujos membros vivem no espírito de Cristo se tornam participantes da comunidade redimida. Deus faz uso de tais grupos como instrumento em suas mãos para atingir os objetivos da Igreja estabelecida por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Sendo assim, não vemos como se possa afirmar categòricamente: "Esta Igreja é verdadeira e aqueloutra não o é."' E' possível que uma determinada Comunhão Cristã, por suas características, possa aproxi-se mais do que se concebe como sendo a Igreja de Cristo em sua plenitude, mas as suas imperfeições não lhe permitem julgar-se merecedora de ser a verdadeira.

Temos todos de reconhecer, como igrejas separadas, que necessitamos de corrigir as nossas imperfeições com aquêles elementos da verdade que foram assimilados de modo mais feliz por outras comunhões. Mas isto sòmente será possível na Igreja unificada, para o seio da qual cada igreja separada possa levar as suas características próprias, que venham a fundir-se num processo de edificação e aperfeiçoamento mútuos. Para tanto, deverá haver acôrdo no que seja essencial, e boa dose de liberdade no que fôr secundário. A união das igrejas jamais poderá resultar da submissão de uma determinada igreja a outra, mas tôdas têm de reconhecer, com humildade, que sempre existe algo que se pode aceitar de outrem, visando ao aperfeiçoamento geral.

Se esta é a posição ideal, se êste é, realmente, o caminho a seguir, qual seria, então, a contribuição especial que a Comunhão Anglicana poderia oferecer com vistas à Igreja Unida do futuro?

Cremos que o Concílio Mundial da Igrejas, reunido na cidade de Amsterdam em 1948, estava certo, ao afirmar que "o abismo que nos separa são as tradições católica e protestante". Se, de fato, assim é, a Comunhão Anglicana tem realmente uma contribuição muito especial a fazer, pois ela, mais do que qualquer outra, pela graça de Deus, tem procurado manter unidas, numa comunhão visível e espiritual, ambas as tradições: a católica e a protestante.

Admitimos que existem grupos de cristãos que ressaltam com mais propriedade do que nós os elementos característicos do "Protestantismo"'. Reconhecemos, também, que existem outros grupos que dão mais ênfase do que nós às características do "Catolicismo", mas queremos crer que dificìlmente uma comunhão cristã possa oferecer esta contribuição peculiar do Anglicanismo, isto é: de manter unidas as tradições católica e protestante, num mesmo corpo, prova de que ambas as tradições não precisam ser tão contraditórias que tenham de viver, necesàriamente, separadas.

2.º Nossas relações com outras Comunhões.

Sob o tópico "Nosso lugar no Cristianismo", afirmamos que a Comunhão Anglicana, mais do que qualquer outra, pela graça de Deus, tem procurado manter unidas, numa comunhão visível e espiritual as tradições "católica" e "protestante".

Iniciando as nossas considerações referentes a êste segundo tópico, julgamos não exagerar, dizendo que nenhuma outra Comunhão Cristã tem estudado, com tanto carinho, a necessidade da União das Igrejas. Mas não sob o aspecto meramente teórico, pois tem dado passos efetivos no sentido de encontrar-se com outras Igrejas, num ambiente de compreensão e boa-vontade.

Já na Conferência de Lambeth de 1920 veio a lume um veemente apêlo em favor da União das Igrejas. E, desde então, não cessaram as negociações com outras Igrejas, visando a um maior entendimento e aproximação. Foi notória a liderança do Anglicanicismo na elaboração do esquema que tornou realidade a Igreja do Sul da Índia em 1947. Permitam-nos, igualmente, afirmar que a Comunhão Anglicana ocupou posição de relêvo no Movimento de Fé e Ordem, em Lausanne, no ano de 1927. E quem desejar certificar-se de que a Comunhão Anglicano não poupa esforços em favor da união da Cristandade, que acompanhe a vida dêste importante órgão, conhecido

---

para se realizar visìvelmente a unidade da Igreja, corpo místico de Cristo, segundo o espírito e a letra do Novo Testamento: "Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos" (Efes. 4:5,6). Tal **desideratum** só poderá ser conseguido se cada uma das confissões cristãs adotar um espírito de humildade, tolerância e respeito pelas convicções particulares dos outros irmãos na fé.

Não pode perdurar o escândalo de nossas divisões sectárias, em que uma Igreja renega os sacramentos ministrados por outra, rebatiza pessoas já batizadas em nome da mesma Trindade, nega a comunhão a membros integrantes de outra comunidade. E' preciso que, pelo desarmamento dos espíritos, pelo abandono das rivalidades eclesiásticas anticristãs, alcancemos a consciência de nossa unidade essencial em Cristo e proclamemos o nosso propósito comum — a salvação do mundo por meio de Jesus Cristo, através da diversidade de princípios e métodos. Cada comunidade poderá afirmar os valores espirituais que lhe são peculiares e oferecê-los livremente, para enriquecimento da cristandade. O que deve ser posto de lado é a imposição de doutrinas, elaboradas por autoridades humanas que se consideram a si mesmas como infalíveis.

como "Conselio Mundial de Igrejas".

Não são poucos os que julgam o ideal da União das Igrejas inatingível, mas nós continuamos insistindo em que vale a pena lutar por êle, pois "para Deus nada é impossível".

Mas o ideal não será atingido, enquanto houver um grupo que se coloca na posição de "ser a Igreja", para a qual devem ir aquêles que desejam a união. Também não resolverá a situação simplesmente admitir que, de qualquer modo, estamos unidos em espírito, se cada qual continua agindo isoladamente, como se a salvação da humanidade dependesse exclusivamente dos esforços de um determinado grupo.

Somos francos em dizer que a União, como nós a concebemos, deve ser orgânica e visível, embora não centralizada. No já referido apêlo de Lambeth, vislumbramos uma sociedade visível, com um só arcabouço de fé, sacramentos e ministério, existente na forma de igrejas regionais unidas, plenamente autônomas, mas em completa comunhão umas com as outras.

Concordamos que até lá há muito que andar. Mas o fato é que estamos andando. Nosa posição não tem sido a de lamentar a situação, ficando inativos. Temos colaborado, como já foi dito, na elaboração de esquemas que estabelecem bases para intercomunhão entre Igrejas autônomas e separadas, mediante um ministério mùtuamente reconhecido. Mas estamos convencidos de que a cooperação sòmente não basta, nem mesmo que haja intercomunhão, ainda que êste passo seja recomendável com vistas à união perfeita, num mesmo corpo eclesiástico.

Prosseguindo em nossas considerações, gostaríamos de deixar bem claro que a União com que sonhamos não seria apenas entre Igrejas irmãs, por assim dizer, mas sim entre Igrejas Católicas e também Protestantes.

Continuamos mantendo que pode haver união com variedade, desde que haja acôrdo em certos princípios que consideramos essenciais. Já se tornou famoso o chamado "Quadrilátero de Lambeth" — As Santas Escrituras, os Credos, os Sacramentos do Evangelho, um Ministério comum, mantido através do Episcopado Histórico.

No aludido esquema da Igreja do Sul da Índia ficou estabelecido que as Igrejas, a se unirem, não teriam de abrir mão de suas tradições doutrinárias, litúrgicas e outras, dado que se procedesse de acôrdo naquilo que fôsse realmente essencial. De igual forma, na Concordata entre a Comunhão Anglicana e os Velhos Católicos ficou assegurado que a intercomunhão era perfeitamente possível, sem que houvesse necessidade de completa unidade na doutrina ou na liturgia.

Houve quem temesse, na Conferência de Lambeth, que, à medida que as dioceses Anglicanas iam se unindo a outras Igrejas para formarem um só corpo eclesiástico, a Comunhão Anglicana terminaria desaparecendo. Mas houve também quem, de bom grado, veria a Comunhão Anglicana desaparecer, se do seu desaparecimento resultasse a União da Igreja Cristã.

Não nos move o desejo de que outras Comunhões venham a tornar-se Anglicanas, mas que tôdas as Igrejas possam trazer a sua contribuição positiva e amalgamar tudo de tal maneira que resulte a verdadeira união.

Enquanto vamos andando pelo caminho que nos há-de levar à União do Cristianismo, temos encontrado certa dificuldade em unir nossa própria Comunhão com outras Igrejas, isto por insistirmos em abrigar, sob o mesmo teto, as tradiçoes "católica e protestante".

Por exemplo, pelo fato de reconhecermos que "a Sagrada Escritura contém tôdas as coisas necessárias para a salvação, de modo que tudo que nela não se lê, nem por ela se pode provar, não deve ser exigido de pessoa alguma seja crido como artigo de Fé, ou julgado como requerido ou necessário para a salvação", afirmação esta que lembra, sem sombra de dúvida, a nossa herança "protestante", e mais a interpretação evangélica das doutrinas da Igreja e dos Sacramentos, têm sido dificil que a Igreja Ortodoxa entre em união plena com a nossa Comunhão.

Por outro lado, nossa insistência em que seja mantido o Episcopado Histórico, bem como a interpretação Anglo-Católica das doutrinas da Igreja e dos Sacramentos, em nosso meio, têm sido um obstáculo a que algumas Igrejas Protestantes se aproximem mais de nossa Comunhão.

E as dificuldades de um perfeito acôrdo, entre nós mesmos, quanto à política que devamos seguir com vistas à União das Igrejas, não são pequenas, em virtude de conservarmos ambas as tradições.

O motivo de não haver uma divisão em nosa própria Igreja é precisamente êste: — quando se trata de tomar decisões de caráter final, a maioria jamais passa por cima da minoria, como se fôra um rôlo-compressor. Contudo, não esperamos até que a última opinião divergente seja vencida, até tomarmos as nossas deliberações sôbre o que deva ser feito ou não.

Pelo fato de não querermos desprezar a minoria, há, por vêzes, debates que se alongam de tal maneira que tiram a paciência de um ou outro grupo, mas nem por isso as nossas assembléias perdem a cabeça, e o Anglicanismo pode continuar dando um exemplo de unidade na diversidade.

Sabemos perfeitamente que a Comunhão Anglicana tem sido alvo de críticas, por admitir situações que, aos olhos dos de fora e também dos de casa, revelam uma certa confusão. Por exemplo, jamais nós, Anglicanos, chegamos a um acôrdo sôbre se devemos ou não permitir que membros de outras Igrejas que nos visitam, especialmente os que não mantêm o Episcopado, recebam os elementos da Sagrada Eucaristia. Um visitante pode mesmo passar pelo dissabor de poder comungar numa igreja nossa, mas não em outra.

Outro exemplo — os que não conhecem a nossa Igreja, poderão achar estranho que numa certa paróquia as cerimônias sejam bem mais elaboradas do que noutra, na mesma cidade.

Outras tantas situações poderiam ser lembradas, como prova de que somos liberais naquilo que não é realmente de importância fundamental.

Sempre houve quem pretendesse alterar esta situação um tanto confusa, e estabelecer normas mais definidas, mas continua de pé a pergunta: — Não será preferível que cada qual tenha liberdade de seguir os impulsos de sua própria consciência, dentro da variedade oferecida por nossa Igreja, a que se imponha uma uniformidade que nos colocaria oficialmente de um ou de outro lado, muito antes de termos podido chegar a um acôrdo?

Devemos render graças a Deus pelo fato de haver inúmeras evidências de maior amizade, entendimento e cooperação entre as várias Igrejas Cristãs, no mundo inteiro. Basta que acompanhemos as atividades do Movimento Ecumênico, desde a Conferência Missionária de Edinburgo em 1910, da qual resultou a criação do Concílio Missionário Internacional, em 1921; seguida pelo Movimento de Vida e Obra, reunido em Estocolmo em 1925, e do Movimento de Fé e Ordem, em Lausanne, no ano de 1927, movimentos êsses que se uniram para formar o Concilio Mundial de Igrejas, em 1948.

E' sumamente inspiradora a declaração daquela Assembléia: "Aqui em Amsterdãm nós nos dedicamos novamente ao Senhor, e concordamos em constituir êste Concilio Mundial de Igrejas. E' nosso propósito manter-nos unidos."

Ainda que se tenha a lamentar a ausência da Igreja Católica Apostólica Romana nas Assembléias Internacionais de Movimento Ecumênico, que tem contribuído, de maneira extraordinária, para a aproximação das Igrejas não-romanas, não deixa de ser significativo o fato de ter o Santo Ofício, nas instruções sôbre o Movimento Ecumênico, em dezembro de 1949, concedido permissão aos Católicos Romanos de manterem discussões teológicas com outros grupos de Cristãos, e, mais ainda, permissão para reuniões mistas, quando se trata de "agir em conjunto, em defesa dos princípios fundamentais do Cristianismo, e da lei natural", ou "quando se faz necessário reconstruir a ordem social ou questões semelhantes."

No que diz respeito à posição do Anglicanismo em relação à Igreja Católica Romana, parece-nos oportuno trascrever o seguinte parágrafo, contido no Relatório da Conferência de Lambeth, de 1958: "Reconhecemos que haverá ocasiões em que os Anglicanos têm de assumir uma atitude de crítica em relação aos pronunciamentos ou à posição da Igreja Católica Romana, quando estiver em jôgo o significado ou a aplicação do princípio de liberdade religiosa, ou as justas pretensões do Anglicanismo. Contudo, estamos certos de que os Anglicanos, por sua parte, esforçando-se sempre pela promoção da verdade, franqueza e justas negociações entre os Cristãos, farão tudo que estiver ao seu alcance, a fim de proporcionar entendimentos com Católicos Romanos, como parte de seus esforços visando à paz e à União entre todos os Cristãos."

E, quando afirmamos que há evidências de maior aproximação entre as várias Igrejas, podemos citar os entendimentos havidos, e que continuam, entre Anglicanos e Velhos Católicos, Presbiterianos e Metodistas, e também as Igrejas Luteranas da Escandinávia e do Báltico, a Igreja Síria "Mar Thoma", as Igrejas do Sul e do Norte da Índia, a Igreja Independente das Filipinas, as Igrejas da Armênia, da Assiria e da Etiópia, as Igrejas Reformadas da Espanha e Portugal, cujo primeiro Bispo tivemos o privilégio de sagrar, em Lisboa, em junho de 1958, na pessoa do Revmo. D. Antônio Ferreira Fiandor.

No caso da Igreja do Sul da Índia, verificou-se a união real de 4 Dioceses Anglicanas da Índia, Paquistão, Birmânia e Ceilão, com as Igrejas Metodista, Presbiteriana e Congregacional. Jamais houve exemplo tão significativo, pois tornou-se possível a união entre igrejas episcopais e não episcopais.

Muitos anos já se passaram, desde que a Comunhão Anglicana lançou o seu veemente apêlo, na Conferência de Lambeth de 1920, apêlo que, por ser da vontade do Criador, vem encontrando receptividade no seio das várias Igrejas Cristãs do mundo inteiro.

E' bem verdade que alguns já se tornam impacientes, e consideram a União das Igrejas verdadeira utopia, mas a Comunhão Anglicana continuará ferindo esta mesma tecla, até que a Cristandade tôda caia em si e, arrependida, venha a reconhecer a veracidade desta afirmação do Cristo Eterno: "A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu en ti, também sejam êles em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste."

Sabemos que a nossa voz, aqui neste Congresso, é por demais fraca para que possa ser ouvida por todos os Cristãos, mas Deus há-de abençoar as nossas discussões em tôrno dêste palpitante assunto, qual seja: a União de tôdas as Igrejas de Nosso Senhor Jesus Cristo."

Queira ler o quadro do final da página 5.

SÚMULAS E SELEÇÕES

OS IRMÃOS DE TAIZÉ

A COMUNIDADE reformada de Taizé já tem vinte anos: conta quarenta irmãos — reformados e luteranos, da França, da Suíça, da Alemanha e dos Países Baixos. Alguns são pastôres, outros leigos, uns e outros exercendo as mais variadas profissões. Há camponeses, ceramistas, tipógrafos, teólogos, secretários, operários, médicos, pastôres, artistas e pessoas que exercem muitas outras atividades ainda. São unidos por sua vida comunitária e pelo seu tríplice voto de pobreza, celibato e obediência. Sua regra de vida dá um lugar importante ao silêncio interior, à meditação, à oração, de intercessão pela Igreja e pelo mundo.

A dupla preparação de ecumenismo e de presença no mundo domina a vocação dos irmãos e caracteriza a sua atitude. Sua preocupação com o mundo manifesta-se na determinação de viver do fruto de seu trabalho, de assumir as responsabilidades profissionais; é nessa perspectiva que se deve compreender a presença de irmãos na África negra, nos arredores de Treichville (Costa de Marfim); em Argel, entre os mussulmanos, em Marselha, como operários no meio dos operários. Não são mais que um "punhadinho de homens, agindo segundo os seus frágeis meios, tornando a Igreja presente em certas encruzilhadas da vida do mundo", segundo escreveu um dêles.

A vida contemplativa, a ardente oração pela unidade visível de todos os cristãos, contactos freqüentes e realmente fraternais com cristãos de tôdas as denominações, assim como o ministério pastoral de dois irmãos na região de Montbéliard e a presença de dois outros irmãos no centro ecumênico de Pac-Kard Manse, Stoughton (Boston, EE. UU.), são manifestações da preocupação, tanto com a Igreja como com a comunidade.

Mesmo os irmãos que residem em Taizé vivem e agem sob um impulso inteiramente semelhante. Como exprime um relatório recente, Taizé é um "lugar de oração, de estudo e de reflexão teológica; Taizé é também um lugar de pasagem e de contactos ecumênicos quase permanentes... a vida profissional dos irmãos está presente no mundo; ao lado da teologia ecumênica e do ministério do recolhimento, as diferentes ocupações são outros tantos fatôres de abertura no mundo hodierno".

No fim do primeiro semestre do ano passado, a editôra de Taizé publicou uma obra de Roger Schütz, prior da comunidade, que tem por título: **"Vivre l'aujourd'hui de Dieu"** (= "Viver o hoje de Deus"). Êsse livro, dizem os editôres, "encara a Igreja de nossos dias, dividida, mas sedenta de unidade, e o mundo paradoxal de hoje, que procura, também êle, sua unidade, mas está dividido em dois blocos, em pleno crescimento demográfico, mas faminto, envolto numa fulgurante evolução técnica, mas desquilibrado pela desigualdade dramática da partilha dos bens materiais".

É para melhor viver essa tensão entre a Igreja e o mundo que o Conselho anual da Comunidade decidiu organizar encontros em Cormatin, aldeia situada a dois ou três quilômetros de Taizé. Êsses encontros oferecem oportunidade para se analisarem certos fatôres não-teológicos da divisão das Igrejas e a relação dêles com os problemas sociais, políticos, econômicos, e com problemas de outra naturaleza existentes no mundo contemporâneo... Tornou-se claro, efetivamente, que entre os obstáculos ao ecumenismo, são dos mais difíceis de vencer certos preconceitos confissionais fortemente arraigados entre os fiéis. "Situações históricas que a falta de informações objetiva contribui para cristalizar, malentendidos que a ausência de abertura mútua eterniza, eis alguns dêsses fatôres que os encontros de Cormatin vão estudar e esforçar-se por eliminar."

(De "S. O. E. P. I.", 27-XI-59.)

TESTAMENTO PARA A IGREJA

Em fins de janeiro passado, logo após a apresentação do seu relatório ao Sínodo de Berlim-Brandeburgo, o Bispo Dibelius leu o seu "testamento para a Igreja", cujo texto integral abaixo se reproduz:

"CONSAGREI minha vida à Igreja. Creio e confesso que esta Igreja visível na qual fui batizado e ordenado é a forma da Santa Igreja Universal que Deus me deu para minha vida, meu trabalho e minha fé. A ela voto meu amor para sempre.

Conheço minha Igreja com suas riquezas, das quais participei, assim como suas deficiências, das quais sofri. Mas creio que meu Senhor Jesus Cristo não rejeitou nem destituiu sua Igreja. Creio que Êle a escolheu para que ela dê um testemunho irrefutável de sua graça e de sua verdade, onde se defrontarem duramente dois modos opostos de vida; creio que, assim fazendo, Êle lhe confiou uma tarefa imensa, mas que não a deixará sòzinha para realizá-la.

Peço aos que depois de mim vierem que pensem nessa tarefa e jamais procurem ser outra coisa senão a Igreja daquele que foi crucificado e ressuscitado por nós. Precisamos manter-nos fiéis à Declaração de Barmen, à qual todos nós, de coração alegre, demos a nossa aprovação: "Jesus Cristo, assim como o atesta o Evangelho, é a única Palavra de Deus a que nós devemos dar ouvidos, em quem devemos depositar nossa confiança, a quem devemos obedecer — na vida e na morte". E' esta a única razão de ser da Igreja.

Peço à minha Igreja que nunca se deixe encerrar num "ghetto", mas que sempre se lembre de que é responsável pela vida total de todo o nosso povo; entretanto, que ela jamais se submeta aos poderes dêste mundo! Rogo a Deus que livre sempre de novo a Igreja da Tentação de acolher em si um espírito de agitação e de propaganda, sempre pronto a manifestar-se. Deus deu a seus filhos o espírito de poder, de amor, e de disciplina, e não êsse espírito que lavra nos jornais, procurando a contradição e tomando pretexto em divergências de opinião para lançar-se a ataques pessoais.

Rogo a Deus que guarde minha Igreja num espírito de unidade, tanto mais forte quanto mais difícil fôr a sua vida, êsse espírito que permite dar às coisas o seu justo valor, sem as amplificar nem subestimar... Rogo que os que são resolutos e fiéis cresçam em número, a fim de que, se a Igreja Nacional vier um dia a arruinar-se, uma nova Igreja confessante esteja pronta a unir tanto mais os cristãos evangélicos conscientes... Rogo por todos os que têm uma função na Igreja, a fim de que êles não se desanimem nos momentos em que a grande crise espiritual de nosso tempo parecer tornar o seu cargo sempre mais pesado. As crises passam. Jesus Cristo permanece.

Rogo em particular por aquêles a quem a situação atual acabrunha e a quem o desânimo ameaça. Ali está Alguém que dá novas fôrças aos cansados. Não são as circunstâncias que determinam a vida do homem; é a fé, que sabe levar a sua cruz. E, acima da fé, há a promessa do Senhor misericordioso.

Foi nessa fé que eu procurei viver minha vida. Um dia, em Stuttgart, formulei a "Declaração de Contrição" de nossa Igreja. Uma frase — e ela é decisiva — é de Martin Niemoller. Todo o resto é meu, e eu não quero deixar êste mundo sem tomar para mim mesmo o que então nós professamos em conjunto. Também eu me acuso "de não ter dado um testemunho mais corajoso, de não ter orado mais fielmente, de não ter tido uma fé mais jubilosa, um amor mais ardente". Mas creio na misericórdia de Deus, que é ainda maior que o nosso pecado. E, tendo vivido eu mesmo da graça de Deus a cada dia, peço àqueles a quem eu ofendi que me perdoem, como eu perdôo aos que me ofenderam."

(De "S. OE. P. I.", 5-II-60)

LIBERDADES HUMANAS

O Embaixador Fernando Lobo apresentou em Washington, no mês de junho, um projeto de resolução, que, submetido ao Conselho da Organização dos Estados Americanos (OEA), fala muito significativamente do clima de liberdade nas Américas. (Êsse documento, por equívoco, não saiu no n.º passado, com a "Declaração de Brasília").

O CONSELHO resolve: "Proclamar a convicção dos Estados Americanos, que de qualquer discriminação racial ou religiosa é incompatível com a cultura e a civilzação da presente era; associar-se com a resolução de primeiro de abril de 1960 do Conselho de Segurança da ONU; recomendar aos Estados americanos que busquem adotar, na esfera interna de sua respectiva legislação nacional, medidas tendentes a fomentar efetivamente os princípios contidos nos paragrafos 3 e 5, secção C, da Carta das Nações Unidas, como também proscrever e castigar qualquer transgressão a tais princípios; recomendar, também, aos Estados americanos, que estudem as medidas mais apropriadas para fomentar, nos níveis de seus respectivos órgãos educativos, a igualdade dos homens, qualquer que seja sua raça, côr ou religião, princípio que as nações americans defendem interna e externamente, zelosas de não tolerar discriminação que atinja os direitos humanos".

Nossas despesas são feitas apenas com a impressão e expedição do jornal, e insignificantes gastos de expediente. Nada custam a redação e a administração. Mas os trabalhos gráficos reclamam despesas bem sensíveis. "CRISTIANISMO" depende dos amigos do seu programa.

BIBLIOGRAFIA

Miguel Rizzo — **Jesus Cristo** — Edições Únitas — São Paulo — 160 pgs.

O livro não é pròpriamente uma biografia, nem pretende sê-lo. E' antes a defesa de uma tese, que o autor resume nestas palavras a respeito de Jesus: "Não é possível classificá-lo como homem... Será êle divino? Os próprios leitores é que irão dar resposta a essa pergunta, depois de acompanharem a exposição de fatos que vamos expor e comentar" (pág. 30).

Para a demonstração de sua tese o autor estabelece um método especial, rejeitando vários dos métodos tradicionais usados pela apologética cristã. Tais são os que baseiam a demonstração da divindade de Cristo nos milagres, nas profecias, etc.. Evita discutir problemas em tôrno da significação específica da morte de Jesus — assunto já discutido em outros livros do autor — e outras especulações teológicas a respeito da personalidade do Mestre. Todos os argumentos apresentados aqui em defesa da divindade de Cristo partem da impressão de absoluta integridade de caráter que Cristo deixa em todos aquêles que entram em contacto com êle. Pois bem, se Cristo é perfeitamente íntegro nas suas qualidades morais, tudo o que êle diz a respeito de si mesmo revelando a sua convicção de que êle não era simples homem, tem de ser tomado a sério: "Qual o caminho que vamos seguir? E' muito simples. Pedimos aos leitores que concordem conosco apenas num ponto: em aceitar que Cristo é um caráter íntegro" (pág. 29).

Estabelecido êsse critério, a maior parte do livro se consagra ao exame daquilo que Jesus afirma a respeito de si mesmo e da atitude livre e soberana que assume para com as tradições sagradas do seu povo — muitas de origem divina, como o decálogo, a instituição do sábado, os deveres para com a família, etc.. Jesus não tem consciência de pecado, faz promessas como esta: "Eu estarei convosco todos os dias até a consumação dos séculos", aceita homenagens que nenhum homem poderia aceitar, e assim por diante. Um capítulo especial é dedicado aos testemunhos de adversários de Cristo que são compelidos a reconhecer o seu caráter sobre-humano. Outro aponta a proeminência de Cristo nas belas artes, na arquitetura, na literatura, na música e o seu poder de transformar personalidades. Um longo capítulo final traça, em quadros impressionantes, a sociedade greco-romana com os seus aspectos morais desumanos e chocantes, porque era um mundo construído "sem êle".

Como se vê, trata-se de um livro que, postas de lado questões especulativas e teológicas subtis, procura salientar o que há de irredutível na personalidade de Jesus, obrigando-nos a uma interpretação teológica mínima do seu caráter divino. O livro do consagrado pregador evangélico apresenta-nos, assim, em uma linguagem clara e singela, uma reafirmação da fé que tem inspirado a Igreja, impedindo "que as portas do inferno prevaleçam contra ela".

Th. H. M.

Luciano Lopes — **Cristo e os Problemas Sociais do Brasil** (2.ª edição) — Casa Publicadora Batista — Rio de Janeiro — 1959 — 1958 pgs.

O tema do livro é estudado sob os seguintes sub-títulos: **Cristo e o problema econômico; Cristo e o problema da família; Cristo e a educação; Cristo e a saúde; Cristo e o Estado; Cristo e o problema religioso**, terminando com uma ligeira conclusão.

Trata-se de um livro muito oportuno e bastante necessário para as nossas Igrejas, tantas vêzes ainda indiferentes aos angustiosos problemas sociais do mundo em que vivemos, problemas que afetam profundamente a condiçao moral e espiritual de todos os seus membros. O autor é um eminente educador e escritor evangélico, membro da Igreja Batista, já bastante conhecido por numerosos livros em que vem batalhando incansàvelmente por uma obra de educação genuína do nosso povo. Atualmente é vereador no Distrito Federal, cargo em que está procurando realizar os mesmos ideais éticos por que vem lutando há muitos anos.

A obra apresenta uma visão bastante clara do interêsse excepcional que têm para as Igrejas os problemas sociais. Para referir apenas uns poucos exemplos, notemos algumas afirmações dêsse notável trabalho. Falando do problema econômico, o autor mostra como êle está relacionado com a família, com a educação, com a organização do Estado, com as ciências e as artes, e, finalmente, com a própria religião (pág. 15). Insiste na cristianização do comércio e das indústrias e vê no cooperativismo um grande passo para a realização dêsse ideal (pág. 39).

Muito importante nos parece também o que diz sôbre o tema "Cristo e a saúde", observando que o fato de os Evangelhos nos mostrarem Jesus vivamente empenhado na cura de doentes é profundamente significativo (pág. 83). De fato, essas curas exprimem o sentimento de compaixão e misericórdia que o Mestre tinha para com as vítimas do sofrimento físico antes que uma preocupação apologética da sua missão messiânica.

O conceito cristão do estado vem bem expresso em um sub-título como "O Estado é para o homem e não o homem para o Estado" (pág. 89). Para o autor o caminho para a solução de todos os nossos grandes problemas está na formação de homens "que vivam para os outros e não para si mesmos" (pág. 112). Tratando do problema religioso insiste em que tanto o Protestantismo como o Catolicismo necessitam de uma nova e grande reforma, de um poderoso reavivamento espiritual (pág. 141). Na conclusão cita as palavras de Gladstone — "Só existe um problema, que é o de aplicar os ensinos dos Evangelhos a tôdas as circunstâncias e condições da vida" (pág. 145) — que nos dão a chave de tôda a obra. A convicção de que o Evangelho é a grande solução para os problemas humanos é muito comum no meio evangélico. Infelizmente, poucos têm a consciência de que é preciso aplicar os seus grandes princípios às relações sociais, fazendo-as penetrar tôda a massa como o fermento da parábola. O que nos alegra e nos conforta no livro que estamos considerando é a clareza e a decisão com que o autor insiste em que é preciso fazer valer o ensino dos Evangelhos em tôdas as relações sociais. Trata-se, pois, como dissemos, de um livro precioso, de leitura indispensável tanto aos clérigos como os leigos das nossas Igrejas.

Th. H. M.

COMUNICADO

Do Rev. Sabatini Lalli, do Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, recebemos um Comunicado, sugerindo, numa Campanha em Favor das Crianças Retardadas, a instituição da **Semana da Criança Excepcional**, nas Igrejas Evangelicas, de 21 a 28 de agôsto, a exemplo do que foi feito no Est de Guanabara. Dêle extraímos o seguinte:

"Segundo as informações de que dispomos, há, no Brasil, cêrca de 1.800.000 (um milhão e oitocentas mil) crianças retardadas e, destas, só no Rio de Janeiro, ex-Distrito Federal, há cêrca de 85.000 (oitenta e cinco mil). Estas crianças **excepcionais**, como são chamadas, se encontram em todos os tipos de lares: nos lares abastados e nos menos favorecidos da fortuna; há aquelas crianças retardadas que pertencem a famílias da alta sociedade, como há aquelas que figuram nas famílias obscuras."

"Há escolas e há cursos especializados que existem para orientar as crianças **retardadas**, e, também, os **pais** destas crianças. Temos, no País, a "Sociedade Pestalozzi do Brasil", na Rua Gustavo Sampaio, 29, Rio de Janeiro, e a "Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais", na Rua Haddock Lobo, 296, Rio de Janeiro."

Nossas despesas são feitas apenas com a impressão e expedição do jornal. Mas são relativamente grandes e dependem só da boa vontade dos nossos amigos.

CONGRESSOS

CONGRESSO BATISTA

O 10.º Congresso da Aliança Batista Mundial, realizado no Rio de Janeiro, de 26 de junho a 3 de julho, assumiu proporções grandiosas. Cêrca de 13.000 congressistas presentes e cêrca de 70 países representados. O Maracanãzinho por várias vêzes teve suas dependências lotadas, e no grande estádio do Maracanã, no encarramento, quando falou o famoso evangelista Billy Graham, estiveram cêrca de 200.000 pessoas.

"O Jornal Batista" registrou o que, *data venia*, passamos a reproduzir:

"Uma semana antes do dia 26, começaram a surgir por todos os cantos da cidade, grandes cartazes alusivos ao Congresso. Os painéis estendiam-se desde os pontos mais movimentados da cidade, como as Avenidas Presidente Vargas e Rio Branco até os mais longínqüos bairros. A televisão, o rádio, os jornais, começaram a fazer entrevistas sucessivas com os líderes da Comissão Coordenadora. Já não podia passar despercebida do povo carioca a grandiosidade do movimento em causa. Todos bem ou mal, estavam sendo informados de que o 10.º Congresso da A.B.M. iria se reunir na semana próxima."

"Os três ou quatro últimos dias que antecediam ao Congresso, foram de um movimento constante e efervescente em todos os pontos de acesso à cidade do Rio de Janeiro. As estações de trem, a rodoviária, os dois aeroportos e mesmo o "pier" da Praça Mauá, com a agitação costumeira em muito intensificada, atestavam de fato que algo diferente estava acontecendo."

"No dia aprazado, domingo 26 de junho, precisamente às 15 horas, iniciou-se o 10.º Congresso da A.B.M. Já noticiámos a reunião inaugural no número anterior, mas não poderíamos deixar de citá-la e lembrá-la mais uma vez. Foi realmente algo de comover o coração a abertura do Congresso. A chamada das nações com o desfile das bandeiras, o Coral do Congresso, com quase 3.000 figuras, o Discurso de Boas Vindas, pronunciado pelo Dr. Sette Câmara, governador do Estado da Guanabara, o Hino Nacional Brasileiro, tocado e cantado, o discurso presidencial, magistralmente proferido pelo Dr. Theodore F. Adams, são realmente pontos de atração que dificilmente nos sairão da memória."

"Iniciamos então, uma semana de santas e profícuas atividades. Reuniões matutinas, vespertinas e noturnas, tomavam todo o tempo dos congressistas. As reuniões das manhãs e das noites eram realizadas no próprio Maracanãzinho, enquanto que as da tarde, as denomidadas Reuniões Seccionais eram dispersas por algumas Escolas da vizinhança. Colégio Batista, 1.ª I. B. do Rio, I. B. de Itacurnçá, Seminário do Sul, etc. etc. Em cada um destes locais, assuntos importantes para a Causa Batista Mundial eram debatidos: Liberdade Religiosa, Missões Mundiais Batistas, Evangelismo, Ensino da Bíblia e Treinamento de Membros, As Doutrinas da Igreja e do Batismo, Conferência sôbre Rádio e Televisão, Estudos especiais para Senhoras, Mocidade, Homens, Pastôres e Professôres de Teologia. Nas reuniões matutinas, apreciávamos a apresentação de relatórios diversos, músicas especiais, negócios, discursos devocionais, breves mensagens sôbre Missões, sermões vários, Resoluções, Agradecimentos, etc. etc. À noite, tínhamos então, aquelas sessões de caráter mais espiritual. Grandes sermões, verdadeiras obras de estudo, meditação, raciocínio e penetração nas camadas celestiais, foram pronunciados."

"No dia 3, tivemos o Encerramento. O Estádio do Maracanã, recebe em cheio, gente vinda de tôdas as partes do mundo para um grande e inesquecível Culto a Deus. Não temos palavra para expressar o impacto que sentimos quan-

CRISTIANISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRETOR — Epaminondas Melo do Amaral (Ferreira de Araújo, 101).

GERENTE — Arrigo Boero (Caixa 6613, ou Líbero Badaró, 92 — S. 71)

CONSELHO DA SOCIEDADE PUBLICADORA DE "CRISTIANISMO": Jorge Cesar Mota (Pres.), Aharon Sapsezian (Secr.), José Gonçalves Pacheco (Tes.), Alberto P. Schützer, Epaminondas M. do Amaral, João Del Nero, Jorge Bertolaso Stella, Odilon M. Trigo, Th. Henrique Maurer Jr., e Walter de C. Schützer.

REDAÇÃO, TRADUÇÕES E REVISÃO — Antoinette Leuba Salum, Erasmo de Camargo Schützer, Ernesto Thenn de Barros, Hilda Westin de Cerqueira, Isaac N. Salum, Lívio Teixeira, René C. Vogel, Thomaz Pinheiro Guimarães e Yvonne de C. Schützer Del Nero.

Os artigos assinados expressam idéias por que são responsáveis seus autores.
A matéria das diferentes secções trazem as iniciais de seus respectivos redatores e tradutores.

ASSINATURAS

Assinantes comuns — Cr$ 100,00

Assinantes-Cooperadores — Cr$ 200,00 ou quantia maior.

Todos os valores (cheques, vales postais, etc.) só devem ser remetidos — e nominalmente — a Arrigo Boero — Caixa 6613 — SÃO PAULO.

do adentramos por um dos túneis na circular arquibancada do "maior do mundo". Foi realmente empolgante o apreciarmos aquela multidão quase incomensurável, ali reunida para ouvir a pregação do Evangelho."

Os trabalhos do Congresso foram encerrados com a palavra de Billy Graham.

CONGRESSO EPISCOPAL

Com um grande Congresso, em julho passado, a Igreja Episcopal Brasileira comemorou o 70.º aniversário de seu trabalho em nosso país.

Do "Estandarte Cristão", a êsse respeito, nós tomamos a liberdade da transcrever:

"Julho de 1960 ficará na história da Igreja Episcopal no Brasil. Dos mais diversos pontos do Estado e dos mais longínquos recantos da Pátria, e usando os mais diversos meios de locomoção, peregrinos e forasteiros dirigiam-se para a capital gaúcha levando em mente apenas um objetivo: Participarem do Primeiro Congresso da Igreja Episcopal de 17 a 24."

"Os matutinos e os vespertinos de Pôrto Alegre anunciam através de suas páginas, detalhes e acontecimentos da abertura do Congresso. As emissoras pelos seus mais importantes noticiosos dizem que dos quatro cantos do país estão chegando homens e mulheres, bem como uma grande caravana de jovens, dando um colorido especial às ruas da Capital. A TV Piratini também apresenta cenas do Congresso, enquanto nos cinemas são exibidos aspectos da obra de nossa Igreja."

"O local para o grande Ofício de Abertura foi o pavilhão Olímpico do Colégio Batista Americano, que com suas dependências completamente lotadas, era palco de uma grande concentração religiosa.

Foi pregador o Rev. Curt Kleemann, pároco da Igreja do Redentor do Rio de Janeiro, tendo apresentado um sermão dos mais inspiradores."

"Era o 17 de julho e o Grande Coral do Congresso dava ao Ofício o que a música religiosa pode dar. Estava, com êste grande Ofício Religioso, inaugurado o Primeiro Congresso da Igreja Episcopal."

"Na quarta-feira, dia 20, também no Pavilhão Olímpico do Colégio Batista Americano, às 20 horas, realizou-se o Solene Ofício Comemorativo aos 70 anos do trabalho Episcopal em terras brasileiras.

O clero desfilou entre alas do Piquete Governamental da Gloriosa Brigada Militar do Estado. Foram pregadores os Bispos Arthur Kinsolving, da Diocese de Arizona e Plínio Simões, da Diocese do Brasil Sul-Ocidental. Grande massa assistiu a este Ofício, bem como autoridades civis e militares, destacando-se a presença do Governador do Estado, Dr. Leonel de Moura Brizola. O Bispo Kinsolving, falando em português a todos encantou e o conteúdo de sua mensagem animou os presente."

"De 17 a 24 desenvolveram-se em vários pontos da cidade os trabalhos do Congresso. Importantes teses foram apresentadas no Instituto de Belas Artes, entre elas os trabalhos dos leigos Dr. Samuel Duval da Silva, médico em Pelotas e do Dr. João Del Nero, magistrado da capital paulista. O primeiro com "A tarefa dos Leigos" e o segundo com "A Igreja e o Cidadão".

No domingo, 24 de julho, encerra-se o Congresso, com a pregação do Bispo Evans, da Catedral Anglicana de Buenos Aires, e do Bispo Egmont Krischlse, Presidente do Congresso, de quem são as seguintes palavras:

"Cêrca de mil congressistas compareceram, contando-se entre êles um número superior a trezentos jovens. Caravanas e mais caravanas de peregrinos, chegaram a Pôrto Alegre, a cidade onde, havia setenta anos, a Igreja Episcopal iniciara as suas atividades no Brasil. Eram episcopalianos que, viajando de avião, de ônibus, de trem, de automóvel e mesmo de caminhão, em muitos casos arcando com despesas superiores à sua capacidade econômica, aqui vieram, inflados de santo júbilo e fervor espiritual, para ver e sentir a sua Igreja como ainda ninguém a tinha visto e sentido em nossa pátria.

Foram as impressionantes cerimônias litúrgicas, desde as mais simples até as mais elaboradas — tôdas elas tão solenes quanto inspiradoras. Foram as inesquecíveis sessões do plenário, em que atentamente se escutaram teses versando a doutrina, a vida e o testemunho da Igreja no presente século.

Foram as discussões animadas e informais dos grupos de estudos. Foram as interessantes conferências matinais das senhoras, dos homens, dos educadores e da mocidade. Foi a alegre recepção oferecida aos congressistas num dos recintos sociais mais elegantes da Capital gaúcha. Foi o deslumbrante Festival de Acólitos. Foram as atrentes exposições de Arte e de Fotografias e Documentos Históricos. E foi, acima de tudo, o Espírito do Senhor, iluminando as mentes, robustecendo a fé, alargando horizontes, destruindo tabús e entrelaçando a todos num convívio cotidiano, fraternal, quer à Mesa do Senhor, quer na conversação e encontros cordiais de amigos velhos e novos."

Da Gerência

ENTRADAS DE 1.º a 31 DE AGÔSTO DE 1960

Assinaturas: Antonio Fernandes Carpinteiro, Rio, 200,00; João Castilho, Botucatu, 100,00.

Assinantes Cooperadores: W. J. Goldsmith, Sto. André, 200,00; Rosalina de Barros Mota, 300,00; Departamento Femino da Igreja Cristã de São Paulo, 400,00.

Sociedade Publicadora: Zuinglio Themudo Lessa, 500,00.

Ofertas: Departamento Feminino da Igreja Cristã de São Paulo, 100,00.

ATRAVÉS DO MUNDO

NO BRASIL

Divulgação da Bíblia

Em julho, no Rio de Janeiro, representantes da Sociedade Bíblcia do Brasil e da Imprensa Bíblica Brasileira estudaram assuntos de seu interêsse comum — como o de uma revisão única das Escrituras, planos de colportagem, equiparação de preços.

Do Sec. XIII

Moeda de bronze de 1288, noticia-se, figurou numa exposição recente organizada na cidade paulista de Itu. No verso, há uma estrêla de seis pontas circundada por uma esfera, e no anverso há caracteres bem legíveis, porém cuja tradução não se fêz imediatamente. A moeda foi encontrada em local onde existiu uma loja maçônica.

Nova Igreja

Com o desligamento de 46 igrejas, de 3 Estados, que pertenciam à União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil, foi constituído, êste ano, um novo organismo eclesiástico — Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil.

NAS AMÉRICAS

Integração Gradual

A Assembléia Geral da Igreja Metodista com sede em Denver, Colorado, decidiu manter o sistema atual de sua organização em seis jurisdições, das quais cinco são regionais e compostas de comunidades brancas e parcialmente mistas, e uma, chamada jurisdição central, reune paróquias puramente negras. Segundo êsse sistema, cada jurisdição continuará a eleger seu próprio bispo e seus representantes junto aos organismos diretores da Igreja. Os que preconizam êste sistema afirmam que por êle se realizará uma integração gradual começando pelos mais altos escalões da Igreja.

União Luterana

Dez anos de negociações entre três Igrejas Luteranas levaram, recentemente, à constituição da Igreja Luterana Americana, com mais de 2.250.000 membros. Adotando a Constituição da nova Igreja e os artigos complementares, a Assembléia sancionou a união, simbòlicamente selada por um aperto de mão dos presidentes das três Igrejas. Paralelamente a esta fusão de Igrejas, conversações a respeito da união estão sendo realizadas, desde 1956, entre quatro outras Igrejas Luteranas dos Estados Unidos.

Batistas do Sul

Em Kentucky, os batistas, habitualmente pouco inclinados à colaboração com outros grupos religiosos, sugeriram a reunião de uma Conferência anual dos dirigentes das igrejas evangélicas e católica romana, assim como da sinagoga, para estudar "as questões vitais das relações da Igreja e do Estado, particularmente no domínio da educação e da saúde". O texto que propõe a organização desta Conferência deplora "a tensão crescente nos negócios públicos, resultante do fato de que os grupos religiosos permitem que sua política e sua prática, divergentes, influenciem a vida da cidade". A iniciativa dêstes batistas é a primeira desta espécie jamais empreendida pelos batistas do sul dos Estados Unidos.

Armas Bacteriológicas

Trinta professôres e estudantes de Teologia reuniram-se em vígilia silenciosa, cada dia, durante duas horas, diante da entrada do Fort Detrick, onde existem laboratórios e armazens em que estão guardadas bactérias e toxinas destinadas à guerra bacteriológica. Perto de mil pessoas participaram já desta manifestação que começou em julho de 1959. Mais da metade são membros de Igrejas históricamente pacifistas: a Sociedade dos Amigos (Quakers), a Igreja dos Irmãos, a Igreja Menonista; os outros participantes vêm das principais Igrejas protestantes.

NA EUROPA

Anglicanos e Presbiterianos

Há cêrca de um anõ, as negociações para a união entre anglicanos e presbiterianos da Inglaterra e da Escócia, tinham chegado a ponto morto, em conseqüência da rejeição, pela Igreja da Escócia, de proposições que implicavam no reconhecimento de um "episcopado corporativo". A Comissão das Relações Intereclesiásticas da Igreja escocesa, em seu relatório de 1960, propôs o reinício das conversações e a nomeação de uma Comissão de 50 pastôres e presbíteros, pela Assembléia da Igreja, para tratar do assunto. Após o voto negativo de 1959, iniciou-se uma correspondência entre o arcebispo de Cantuária e o Sr. William Tindal em nome da Comissão da Igreja escocesa. Estas cartas, diz o relatório, revelam dos dois lados o desejo sincero e profundo de retomar os entendimentos. Entretanto o arcebispo de Cantuária julga que sua Igreja deve considerar certas questões de importância, como a da unidade e uniformidade na ordem eclesiástica, a da validade ministerial e a da catolicidade da Igreja da Escócia.

TAXA PAGA

Pede-se ao Correio, não encontrando o destinatário, o favor de devolver — Caixa 6.613 — São Paulo

N.º 135-136 ANO XII

CRISTIANISMO

Set.-Out. 1960

Assinatura anual, Cr$ 100,00 — Os valores (cheques, vales postais, etc.) devem ser enviados nominalmente a —— Arrigo Boero —— Caixa Postal 6.613 —— S. Paulo

Cooperação Cristã na Europa

O Conselho Britânico de Igrejas declarou não estar disposto, no momento, a dar seu apôio a uma organização permanente de cooperação cristã européia. Entretanto participará, de boa vontade, de conferências ocasionais sôbre assuntos de interêsse. A razão da decisão acima referida é que estas conferências poderiam tender a tornar-se um conselho organizado de Igrejas européias, e o Conselho Britânico julga que as Igrejas não aprovariam a existência de um organismo que se colocasse entre o Conselho Britânico das Igrejas e o Conselho Mundial de Igrejas.

Juventude e Ecumenismo

Reuniu-se em Losana, de 13 a 24 de julho, a 1a. Assembléia Ecumênica da Juventude Européia, organizada pelo Departamento da Juventude do Conselho Mundial de Igrejas, em colaboração com os Conselhos Nacionais da Juventude na Europa. Compareceram à Assembléia, provindos de 15 países entre os quais a U.R.S.S., cêrca de 1.400 jovens, e mais cêrca de 400 visitantes, das Américas, Asia, Australia e Africa. O tema central do congresso foi o mesmo adotado para a próxima Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, em 1961: "Jesus Cristo, Luz do Mundo". Jovens catolicos romanos assistiram aos trabalhos como observadores ,e o bispo católico de Losana convidou seus correligionários para missa especial em que se imploraria a bênção divina para os trabalhos da Assembleia da mocidade.

Escola Leiga

O Conselho Nacional da Igreja Refomada da França tomou posição sôbre o problema da laicidade em matéria escolar, fazendo suas as precedentes declarações do Pastor Marc Boegner, presidente da Federação Protestante da França, que disse: "O Protestantismo francês, em sua grande maioria, é adepto do princípio da laicidade, porquê nele vê a garantia da liberdade religiosa e de certos valores esssenciais incluídos na liberdade religiosa."

A Igreja e Artezanato

A feira do Artezanato, que se reuniu de 11 a 22 de maio, em Munique, apresenta pela primeira vez uma exposição internacional que ,sob o tema "Igreja e Artezanato", reune 500 obras de mais de 250 escultores, pintores, artistas e arquitetos protestantes, católicos e anglicanos, de 10 países da Europa. Com uma superfície de cerca de 200 metros quadrados, esta exposição apresenta esculturas, preciosas peças de ourivesaria e encadernações artísticas ,assim como afrescos e cátedras de metal e também objetos de culto feitos de madeira.

Delinquência Juvenil

A polícia de Leipzig teve de ocupar-se ùltimamente com depredações cometidas em várias Igrejas da cidade por bandos de adolescentes. Não foi a primeira vez que tais fatos aconteceram. Os jovens vândalos não parecem levados por sentimentos especialmente anti-religiosos.

Ex-padres

A partir do fim da segunda guerra mundial, numerosos padres abandonaram a Igreja Católica Romana em certos países europeus. Na França, o nkmero dêles está entre mil e dois mil. Na Itália, é ainda mais elevado. E' difícil dizer qual seja o destino dêstes padres. A maior parte parece ter ficado fora de qualquer Igreja, mas uma minoria aderiu ao Protestantismo. Na França, mais de 40 dêstes expadres estão atualmente ligados à Igreja Reformada, como pastôres ou leigos. Uma dúzia dêles ligou-se a outras Igrejas Protestantes; outros, enfim, voltaram-se para as Igrejas Ortodoxas ou para a Igreja Católica Cristã.

NA ÁSIA E NA ÁFRICA

África Equatorial

Reunido no fim de março, em Iaunde, o escritório da Federação Evangélica da Africa Equatorial examinou as modificações que deveriam ser feitas na estrutura da Federação, para fazer face às transformações políticas por que passaram diversos Estados em que ela exerce sua atividade. Em particular, o escritório confirmou o interêsse que haveria, em cada Estado, de criar um Conselho Protestan-Nacional que se encarregasse das relações com os governos.

Menonitas no Congo

Após uma recente visita ao Congo, realizada por delegados da direção norte-americana de uma das Missões que trabalham nesse país (Congo Inland Mission), foram postos em execução projetos que datavam de agôsto de 1959; decidiu-se conceder autonomia às Igrejas Menonitas fundadas pela referida missão congolesa, que agora se reune sob o nome de Igreja Evangélica Menonita do Congo. A direção é feita por uma Comissão formada por três delegados africanos e três missionários. A nova Igreja congolesa conta mais de 22 mil membros e dispõe de 750 lugares de culto.

Igreja e Missão em Israel

A história da Igreja e das Missões encerra um triste capítulo, o que narra o que se passa em Israel. Nesse país, com efeito, se exibem tôdas as divisões e tôda a desunião das Igrejas. Falando à Igreja da Ressurreição em Munique, o Pastor H. de Leuner, que fêz esta declaração, aludiu não só ao funesto confissionalismo, como também à flagrante desunião entre as 35 diferentes Ordens Missionárias Católicas e Igrejas Protestantes.

NOTICIAS VÁRIAS

Patriarca da Constantinopla

Por ocasião do 12.o aniversário da elevação ao trono, do Patriarca ecumênico Athenagoras I, de Constantinopla, chefe espiritual da cristandade no oriente, realizou-se uma peregrinação em Estambul, conduzida pelo arcebispo ortodoxo grego Iakovos, da América do Norte e do Sul. Êste grupo de além-Atlantico ia convidar oficialmente o patriarca a visitar os Estados Unidos .

Auxílio ao Flagelados do Chile

O Conselho Mundial de Igrejas doou cem casas pré-fabricadas aos flageldos dos terremotos no Chile. As casas constituem parte de um donativo de mais de 16 milhões de cruzeiros, enviados pelas Igrejas européias. Além dessa importância, o Serviço Mundial das Igrejas, com sede nos Estados Unidos, enviou ao Chile roupas, alimentos e medicamentos. Com as casas mencionadas, e com outras que futuramente serão doadas, o Conselho Mundial de Igrejas pretende formar um pequeno municipio, nos arredores de Valvidia, para ajudar a reconstruir a cidade e reorganizar suas antigas instituições industriais e comerciais.

A Juventude e a Igreja

Sob os auspícios do Departamento da Juventude do Conselho Mundial de Igrejas, 45 chefes do movimento cristão da juventude discutiram, em Berlim, a renovação da ação das Igrejas entre os jovens. Há, segundo se pensa, um ardente desejo, por parte da mocidade, de crer e de pertencer a uma comunidade. Mas recente inquéritos na Alemanha de Leste e do Oeste, mostraram que a juventude tem a tendência de duvidar da eficácia da Igreja tal como ela a conhece. Os jovens, segundo notaram os oradores da Conferência, são muito sensiveis a atitude de certos pastôres e dirigentes eclesiásticos, que êles julgam pouco compreensivos. Além disso, não gostam de ser considerados como subalternos do pastor, por que pensam que cada um tem seu ministério na vida cotidiana. Eis porque, pequenos grupos de trabalho e clubes alcançam os jovens e conseguem, muitas vêzes, atraí-los mais que os pastôres. Alguns preconizam a substituição das paróquias por uma rede de células cristãs; outros, porém, permanecem favoráveis à Igreja. Todos os delegados foram unânimes em sublinhar o valor do movimento ecumênico e dos estudos para renovar os métodos de trabalho nas paróquias.

BREVES NOTÍCIAS

— A partir de janeiro, vai ter autonomia a Igreja Metodista de Gana, ligada a Missão britânica.

— O Patriarcado de Moscou iniciou a publicação de uma revista teológica, anual.

— Adesoji Tdaniauvo Adremi, o primeiro africano nomeado governador de territorio colonial, é evangélico.

— Jornal sueco, após inquérito, afirma que há no país novo interêsse religioso.

— O Govêrno italiano reconheceu oficialmente o movimento pentecoscal, que conta cem mil membros.

— Tornou-se autônoma a Igreja Evangélica da Nova Caledônia, da Missão de Paris.

— Um evangelista foi condenado na Grécia, sob acusação de proselitismo.

LIVRARIA INTERNACIONAL

Publicações Científicas e Técnicas

—— Livros Religiosos ——

Caixa 1405 - Rua Líbero Badaró, 92 - 7.o andar sala 71 - Telefone 32-1225
SÃO PAULO